

O USO DE OFICINAS PEDAGÓGICAS NAS QUESTÕES DAS SEXUALIDADES COM JOVENS E ADOLESCENTES

Ingryd Natália Cabral; Silvio Joel de Sousa, Joseval dos Reis Miranda

Universidade Federal da Paraíba, ingryd_natalia@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, silviosousasegt@hotmail.com; Universidade Federal da Paraíba, josevalmiranda@yahoo.com.br

Resumo: Este trabalho tem como objetivo compreender como a utilização de oficinas pedagógicas podem favorecer as discussões e propostas de trabalho com a Educação Sexual para jovens e adolescentes. O presente artigo surgiu da pesquisa que analisava a experiência do Centro de Orientação e Desenvolvimento de Luta pela Vida “CORDEL VIDA” tem contribuído para subsidiar as discussões do Município de Ouro Velho, localizada no Cariri do Estado da Paraíba. A pesquisa foi desenvolvida em uma escola do município com estudantes jovens e adolescentes que se disponibilizaram em participar. Utilizamos a abordagem qualitativa de pesquisa, por meio de uma pesquisa participante. Os instrumentos/procedimentos de geração de dados utilizados foram: oficinas pedagógicas e observação participante. A análise das informações e dados gerados foi por meio das categorias emanadas dos procedimentos metodológicos. Buscamos fundamentos nas concepções de Furlani (2009), Nunes (2005), Ribeiro (2004), Louro (1997), e os PCN de Orientação Sexual (1997). Os resultados apontaram que os/as jovens e adolescentes sentem a necessidade de trabalho sobre as questões das sexualidades pela escola, os depoimentos dos/as estudantes ainda são permeados pelos mitos e tabus sobre as sexualidades, as oficinas pedagógicas mostrou-se como espaço de discussão, participação e reflexão sobre as sexualidades, além de possibilitar o entrosamento, respeito entre os/as participantes da pesquisa sobre as diversas opiniões e orientações sexuais.

Palavras-chave: Educação e sexualidades. Educação Sexual. Oficina pedagógica.

1 Introdução

Sexualidade é um tema que, com o passar dos anos, vem sendo discutido com muita frequência, apesar dos tabus que envolvem o assunto. A escola deveria ser um dos ambientes mais acessíveis para os/as alunos/as, no que diz respeito à discussão do tema, pois apesar de algumas famílias tratarem do assunto, muitas vezes, se calam diante de algumas questões, deixando para a escola o papel informativo.

Falar sobre sexualidade com jovens e adolescentes, é saber que a maioria das dúvidas sobre esse tema surge nesse período, tornando a sexualidade um dos fatores estruturantes da sua identidade. Uma Educação para sexualidade pode subsidiar novas discussões, vindo a contribuir em novos comportamentos, desses jovens, que por falta de conhecimento acabam se envolvendo em diversas práticas de risco a sua saúde e vida.

Para uma maior compreensão desse conhecimento sobre Educação Sexual, fomos buscar fundamentos nas concepções de Furlani (2009), Nunes (2005), Furtado (2015)

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

que foram de suma importância nesse trabalho. Em suma, acreditamos que esta pesquisa tenha contribuído para a discussão sobre Sexualidade na escola do município, de forma que os jovens e adolescentes venham a refletir e viver sua sexualidade com afetividade, amor e respeito.

2 Reflexões sobre educação sexual

A educação sexual é um processo que objetiva desenvolver a autonomia continuamente nas questões que dizem respeito à sexualidade. As relações de gênero, IST, gravidez indesejada, são marcadas por preconceito, e visões equivocadas construídas histórica e culturalmente. Na escola, algumas dessas atitudes se repetem a partir de comportamentos que podem ser observados em professores/as e alunos/as, portanto a escola se torna um espaço de desenvolvimento de ações educativas do que diz respeito à sexualidade. (NUNES, 2005).

Algumas situações de preconceito no âmbito educativo são lamentáveis, podendo ser devidamente evitado, prestando-lhes as devidas informações essenciais, desde os seus primeiros anos educacionais, inclusive em assuntos em que não são tão questionados. Nunes (2005) diz que:

A questão da educação sexual é sempre muito polêmica. Recentemente ela voltou no bojo das questões sobre planejamento familiar e/ou controle da natalidade. Não é, todavia uma abordagem nova. Pois a educação sexual, no seu sentido mais profundo, não é uma mera questão técnica, mas sim uma questão social, estrutural, histórica. Todos nós como sujeitos constituídos socialmente estamos submetidos a um processo de enquadramento sexual que é determinado, em última instância, com as estruturas sociais (NUNES, 2005, p.14).

Na realidade, a educação é todo um desenvolvimento de um método de comunicação e de aprendizagem. Comumente a “educação” tem sentido de uma pessoa bem educado, uma pessoa de boa conduta. Dessa forma, o conhecimento da escola jamais poderá distinguir áreas de atuações. Qualquer conhecimento pleiteado pelos jovens, adolescente ou criança, jamais deve ser desprezado pelos professores, principalmente as questões da sexualidade. Nesse sentido Furlani (2009) ressalta:

Além disso, destaco duas comuns representações que devem ser problematizadas na escola e na formação de educadoras/es, quando consideramos os efeitos dessa abordagem: 1º) que a educação sexual deve ser dirigida, apenas, à adolescência (afinal, “iniciação sexual” é algo que socialmente se espera nessa faixa etária; 2º) que desenvolver trabalhos de educação sexual na infância “estaria incentivando a prática sexual precoce” das crianças. Estes mitos da educação sexual merecem ser problematizados, questionados, relativizados (FURLANI, 2009, p. 19).

Isto posto, a escola passa a ser pensada como um dispositivo político privilegiado de intervenção, buscando expandir o impacto sobre a população através do controle da sexualidade. Nesta perspectiva Furlani (2009) nos relata:

No entanto, campos teóricos como os Estudos Culturais, os Estudos Feministas e o Pós-estruturalismo demonstraram que a classe social não é a única identidade cultural constitutiva dos sujeitos sociais, e tampouco ocupa a centralidade dos processos de desigualdade e exclusão social. Para muitas pessoas, gênero, raça, etnia, condição física, orientação sexual, nacionalidade, etc. São marcas identitárias responsáveis por experiências de exclusão tão significativas quanto à classe social (FURLANI, 2009, p.25).

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais, a partir da década de 1980 foi criado o tema “orientação sexual” justificado pelo crescente risco de adolescente que vinha engravidando, e a propagação pelo HIV. Vale ressaltar que no Brasil existem tantas outras doenças que matam tanto ou mais do que a AIDS e não fazem parte das discussões em sala de aula. Sobre esta questão Nunes (2005) nos diz:

Uma das complexas análises a serem feitas no campo da sexualidade consiste em avaliar as causas, os procedimentos e os impactos da AIDS na dinâmica das vivências sexuais contemporâneas. Elementos de ordem científicos, pesquisas e estudos entrelaçam-se com normas morais, conceitos éticos, preceitos religiosos e concepções existenciais (NUNES, 2005, p. 103).

Muitas vezes as discussões sobre a Educação sexual também são vistas como um problema escolar, pela maneira de como esse tema é trabalhado na escola. Fatores como nos livros didáticos, que não trazem uma discussão sobre sexualidade na escola; a dificuldade de expressar concepções de sexualidade, educação sexual como especificidade somente das ciências biológicas, são equívocos dessa forma que podem comprometer a vida de jovens e adolescentes. Sobre essa questão diz-nos Furlani (2009):

Quando se lançou recentemente a questão da necessidade da educação sexual na escola, isto é, de maneira pedagógica e institucional, as reações imediatas logo definiram dois grupos: um mais conservador, lembrando a “responsabilidade” sobre a questão, e outro mais liberalizado demonstrando, mais que a necessidade, a urgência da questão (FURLANI, 2009, p. 14).

Desta forma, a educação sexual seria na verdade uma grande evolução de um procedimento de passagem e de aprendizagem, pois para Nunes (2005):

Ao final nos resta estabelecer algumas propostas. Tentaremos definir que uma verdadeira educação sexual está implicada numa transformação social mais abrangente. E que numa apresentação dialética deste polo, o macrocósmico, o estrutural, está presentes os mecanismos primários de relacionamento, os microcosmos pessoais, familiares, os círculos

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

menores e vice-versa. Sem reduzir a um subjetivo radical, há na sexualidade humana uma intimidade tal que escapa a qualquer racionalismo mais comprometido com os discursos do poder (NUNES, 2005.p. 16).

Nos últimos anos os métodos pedagógicos sobre educação sexual vêm sofrendo de fato algumas alterações. Anteriormente, a sexualidade era feita sobre ameaças para os jovens e adolescentes, todas as vezes que se tratava do assunto, prontamente já eram repreendidos. Algumas aulas que falavam sobre sexualidade, transmitiam um incontestável temor, e que acabavam maleficiando as pessoas como afirma Ribeiro (2004):

Ora, se essas transformações vêm afetando a vida das pessoas, conseqüentemente, afetam as interações, sócias, entre elas, especialmente, a dinâmica da relação professor-aluno. Além disso, temos observado nas escolas, que os alunos, direta ou indiretamente – muitas vezes de maneira arredia e/ou agressiva demonstram aos professores que precisam e desejam ouvir e falar sobre o assunto. Disso resulta que a sexualidade passa a constituir-se, duplamente, numa fonte problemática, pois, se de um lado a manifestação da sexualidade e o desejo saber dos alunos tem se acentuado cada vez mais, de outro, é um fator intrigante para o próprio educador que, na maior parte das vezes, não tem sabido (ou não aprendeu a ensinar sobre a mesma) (RIBEIRO. 2004.p.125).

Diante do exposto, a situação de muitas famílias e professores acabam adotando atitudes errôneas. Mas, para Maia (2004),

A orientação sexual pode ser desastrosa se os educadores estiverem despreparados ou forem incapazes de lidar de modo adequado com sua própria sexualidade, ou se os programas forem inadequados em seus métodos ou conteúdos. Isso pode muitas vezes contribuir para uma deseducação (MAIA. 2004. p. 169).

Não hesitamos ao avaliar notadamente, mesmo quando nos mencionamos a indagar certas teorias da educação sexual diante desta atualidade, e que de certa forma tenta impetrar e postergar a esta competência às escolas. Sobre as propostas para o trabalho com Educação Sexual na escola, Maia (2004) afirma que:

Por mais que encontramos exemplos adequados e inadequados de propostas de orientação sexual, não há regras, manuais ou propostas prontas aplicáveis a todas as situações. Compreendendo a dinâmica do processo educativo, cada educador encontrará formas próprias e criativas de expressão, desde que se mantenha suficientemente aberto em relação às questões da vida e da sexualidade (MAIA, 2004, p. 170).

Ainda sobre o trabalho com Educação Sexual na escola Maia (2004) nos declara:

Os profissionais mais adequados para trabalhar com essas questões não são exclusivamente os professores de disciplinas

(83) 3322.3222

contato@generoesexualidade.com.br

www.generoesexualidade.com.br

na área da saúde como Biologia e Educação Física ou profissionais como Enfermeiros, Médicos Ginecologistas, psicólogos, Assistente Sociais, mais sim aqueles que realmente se dispõem a estudar e a informar sobre as questões da sexualidade humana nos seus aspectos biológicos, psicológicos e sociais de forma clara, acessível e, sobretudo, de forma ética, garantindo contribuições para uma orientação que faça parte de um processo de educação mais sadio e livre, não restrito a preconceitos e tabus sexuais (MAIA, 2004, p. 173).

Assim sendo, podemos observar que na atualidade a educação sexual está proporcionando benefícios para os jovens e adolescentes, a viver uma sexualidade com mais responsabilidade e adquirindo novos conhecimentos. E como diz Furlani (2009, p.40) “Educadoras e educadores comprometidos com mudanças sociais devem procurar perturbar, sacudir as formas de se posicionar de frente às discursões da educação sexual que, tradicionalmente, vem sendo realizadas no Brasil”.

3 Metodologia

Para desenvolver a nossa investigação optamos por uma abordagem de cunho qualitativo por meio de uma pesquisa de Campo. A pesquisa de campo é uma modalidade de investigação que a coleta de dados é realizada no local de pesquisa, podendo assumir outras tipificações, como observação participante por exemplo.

O papel adotado durante toda a coleta de dados foi o de pesquisa participante, variando de observadores como participantes e de participantes como observadores Nossa participação foi do tipo conhecida pelos observados, ou seja, os/as alunos/as que participaram da pesquisa foram informados sobre o estudo e concordaram em participar do mesmo.

Os dados coletados do primeiro questionário ocorreram nos dias 7 e 8 de março de 2016. O segundo encontro ocorreu nos dias 13 e 14 de Setembro de 2016, utilizando como estratégias observação participante e um questionário semiestruturado final. Utilizamos o questionário por ser extremamente útil para nós investigadores, por nos trazer uma maior facilidade para interrogar um maior número de pessoas em um espaço de tempo relativamente curto. Para sabermos os conhecimentos prévios dos/as alunos/as em relação ao tema que seria abordado, o questionário foi essencial para análise contribuindo na construção das oficinas pedagógicas de acordo com o que identificamos como mais necessidade informativa para os/as alunos/as.

Durante o nosso processo de intervenção, tivemos uma observação participante que constou basicamente em escutar ativamente e

observar reações de alguns/as alunos/as referentes a algumas situações apresentadas nas discussões. Além de propor algumas situações, decidimos interferir participando juntamente com os/as alunos/as, tirando dúvidas e propondo alguns questionamentos.

A observação participante supõe a interação pesquisador/pesquisado. As informações que obtém, as respostas que são dadas às suas indagações, dependerão, ao final das contas, do seu comportamento e das relações que desenvolve com o grupo estudado. Uma autoanálise faz-se, portanto, necessária e convém ser inserida na própria história da pesquisa. A presença do pesquisador tem que ser justificada e sua transformação em "nativo" não se verificará, ou seja, por mais que se pense inserido, sobre ele paira sempre a "curiosidade" quando não a desconfiança (WHYTE, 2005.p. 301).

4 Resultados e Discussão

Durante a realização das nossas oficinas alguns/as alunos/as interromperam nossa fala para levantar um questionamento, dar opiniões, alertar a importância das discussões de gênero, que para eles/as é algo que nunca foi discutido em sala de aula, sobre como contraímos as infecções, e conhecer a distinção de ambas. Segue a baixo o quadro de algumas das oficinas realizadas:

Quadro 1: Primeira oficina (Teia do Envolvimento)

Teia do Envolvimento		Data
Objetivo	Solicitar aos/as alunos/as na sala de aula que se apresentem.	12/Set20 16
Conteúdo	Dinâmica de relaxamento para que os/as alunos/as sintam-se a vontade em grupo.	
Atividades desenvolvidas	Apresentação individual de cada aluno/a, nome, idade e de que ciclo faz parte.	
Procedimentos	1º Apresentamos aos/as alunos/as o que é a dinâmica da teia do envolvimento e qual seu objetivo; 2º Com um rolo de barbante, amarrado a ponta em nosso dedo fizemos nossa apresentação pessoal, dizendo nome, formação, um <i>hobby</i> , ou algo que gostamos de fazer. 2º Logo em seguida escolhemos uma pessoa e jogamos com cuidado o rolo de barbante para que este o pegasse. 3º Já com o rolo de barbante na mão pedimos que a pessoa enrolasse o barbante em seu dedo indicador e que da mesma maneira faça uma apresentação pessoal, dizendo seu nome, sua formação, algo que goste de fazer. 4º Feita à apresentação esta pessoa manteve o barbante preso em seu dedo indicador e arremessou o rolo para outra pessoa. A dinâmica prosseguiu, até que o/a último/a aluno/a fez a sua apresentação. 5º Após cada apresentação seguimos com as discussões dos temas que viriam em seguida.	
Recursos	Rolo de Barbante.	

Duração	30 Minutos	
----------------	------------	--

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos por meio da interação construída com o grupo o quanto a discussão tornou-se pertinente e gerou a curiosidade dos/as alunos/as. A todo o momento salientamos que é uma discussão pertinente, pois cada vez mais vemos homens e mulheres que não respeitam a sexualidade uns dos outros/as.

Segue a baixo o quadro da segunda oficina:

Quadro 2: Segunda Oficina (Conceitos de Sexo, Sexualidade e gênero)

Conceitos de Sexo, sexualidade e gênero		Data
Objetivo	Apresentar os conceitos de sexo, sexualidade e gênero, abrindo a discussão sobre a temática.	13/Set20 16
Conteúdo	Conceito sobre sexo, sexualidade e Gênero, Relações de Gênero ou papel sexual, diversidade sexual e identidades de gênero.	
Atividades desenvolvidas	Apresentação dos temas através de Slides. Solicitamos aos/as alunos/as que fizessem perguntas em um pedaço de papel sem precisar se identificar.	
Procedimentos	1º Inicialmente fizemos algumas perguntas sobre o tema para saber se algum/a aluno/a saberia diferenciar sexo, sexualidade e gênero. 2º Solicitamos aos alunos/as que em uma folha de papel ao decorrer das apresentações, fizessem perguntas para serem respondidas no final. 3º Entregamos pedaços de papel e canetas esferográficas 4º Iniciamos a apresentação sobre os conceitos de Sexo e Sexualidade. 5º Após a finalização abrimos para roda de conversa e respostas das perguntas. 6º Apresentamos o conceito de gênero com apresentação por slides. 7º Iniciamos uma roda de conversa para discutir o tema e responder as respostas dos /ass. 8º Finalizamos pedindo para que os/as alunos/as trouxessem perguntas no dia seguinte.	
Recursos	Data Show, Notebook, caixa de som, papel ofício e canetas esferográficas.	
Duração	1 hora e 15 minutos	

Fonte: Dados da pesquisa.

Através das observações pudemos perceber alguns comportamentos frente à discussão do conceito de Gênero. Muitos alunos do sexo masculino riam ou debochavam no que diz respeito à diversidade de gênero. A todo o momento salientamos que é uma discussão pertinente, pois cada vez mais vemos homens e mulheres transgênero que sofrem preconceito pelo simples fato de se identificar como o gênero oposto.

A seguir segue o quadro da sexta oficina:

Quadro 3: Quinta Oficina (Violência contra Mulher)

Violência contra Mulher		Data
Objetivo	Apresentar os tipos de violência contra a mulher, abrindo o espaço para discussão do tema.	14/Set20 16
Conteúdo	Tipos de Violência: Psicológica, física, moral e sexual.	
Atividades desenvolvidas	Apresentação dos temas através de Slides. Solicitamos aos/as alunos/as que fizessem perguntas em um pedaço de papel sem precisar se identificar. Discussão sobre o tema a partir da apresentação dos tipos de violência, com slides; Exposição de experiência vivenciada por alunas.	
Procedimentos	1º Inicialmente fizemos algumas perguntas sobre o tema para saber se alunas passaram por algum tipo de violência, ou se conhecem alguém que já sofreu. 2º Solicitamos aos/as alunos/as que em uma folha de papel ao decorrer das apresentações, fizessem perguntas para serem respondidas no final. 3º Entregamos pedaços de papel e canetas esferográficas 4º Iniciamos a apresentação sobre os tipos de violência, como elas acontecem, como denunciar, e a lei que garante o direito da mulher não sofrer abuso. Após a apresentação, duas alunas deram depoimentos de violência doméstica vivenciadas por elas. 6º. 7º Iniciamos uma roda de conversa para discutir o tema.	
Recursos	Data Show, Notebook, caixa de som, papel ofício e canetas esferográficas.	
Duração	1 hora e 52 minutos	

Fonte: Dados da pesquisa.

Seguindo a nossa observação participante, durante a apresentação do tema Violência contra Mulher, percebemos que logo no início todos ficaram em silêncio. Estranhamos e seguimos a discussão. Durante toda a apresentação alunas que estavam participando pediam a palavra para contar alguma história de violência que já haviam presenciado, outras ficavam observando, mas não falavam nada. Foi possível constatar o quando o tema de Violência contra mulher mexia com cada uma das mulheres que estão ouvindo, mesmo que não tenham sofrido algum tipo de violência, todas se sensibilizaram e observaram atentamente a apresentação.

Diante do perfil que traçamos sobre os sujeitos da Escola pesquisada, partir dos questionários aplicados, apresentamos aos alunos/as as oficinas que iríamos desenvolver. Tivemos uma receptividade muito boa com todas as turmas. Consta nas imagens a baixo nosso primeiro contato no dia de intervenção, onde apresentamos um pouco sobre a história da Ong e seus projetos:

Figura 1: Apresentação do CORDEL Vida



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Figura 2: Apresentação das Oficinas



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

A “dinâmica da teia” deu início as atividades, esperávamos maior interação possível dos/as alunos/as, portanto, por ser uma dinâmica onde todos se apresentam e fala um pouco sobre suas expectativas frente ao nosso trabalho, fez com que as oficinas começassem com um ambiente natural e harmonioso. Observamos que ao dar início ao tema inicial, “Conceito de Sexo, Sexualidade e Gênero”, muitos estavam dispersos e com vergonha, por se de um tema pouco discutido na Escola.

Para nossa surpresa, o que mais chamou atenção dos/as alunos/as foi à discussão de gênero. Parecia a todo o momento estarem se perguntando o porquê de estarmos tratando daquele assunto. E ao final, recebemos comentários como: _____

Achei importantes vocês trazerem o tema de gênero, às vezes esquecemos que outras pessoas tem orientação sexual diferente da nossa, é importante sabermos lidar com as orientações do outro, porque aqui onde a gente mora não tem essas coisas não. (Pedro).

Da mesma maneira que a apresentação sobre sexo, sexualidade e gênero, o tema IST, HIV e AIDS, foram muito proveitosos. Observamos que a todo momentos os/as alunos/as faziam perguntas entre si, alguns faziam para nós, outros escreviam num papel sem se identificar e nos entregavam. A imagem a seguir ilustra esse momento:

Figura 3: Apresentando algumas IST



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Nossa última oficina foi sobre o tema Violência contra mulher. Todos os/as alunos/as participaram em especial as mulheres, que contaram alguns casos de violência sofrida por conhecidas, e até por elas mesmas. No momento das rodas de conversas, quando perguntadas se já sofreram algum tipo de violência, responderam:

Sim, meu marido já tentou me esfaquear, mas eu não tive medo, corri direto para a polícia e contei o que aconteceu, ele veio atrás de novo, mas eu me mudei e sumi com meus filhos (Ana).

Sim, mas você sabe como é né? Acabei desculpando, estou com ele ainda, mas se ele tentar de novo eu mato ele. (Paula).

É possível constatar na primeira fala da Ana, que algumas mulheres se posicionam frente à violência física, psicológica, seja ela qual for. Infelizmente essas mulheres não são a maioria, muitas delas se calam diante da situação, acreditando que o agressor agiu por impulso e que isso não vai mais acontecer, como é o caso da Aluna I, que silenciou diante de uma situação que pode agravar-se a cada dia que passa. Chauí, citada por Peixoto e Lima (2007, p. 264) contribui com esta reflexão:

[...]. Assim a violência trata seres racionais e sensíveis, dotados de linguagem e de liberdade como se fosse coisas, isto, é irracionais, insensíveis, mudos, inertes ou passivos. A ética é inseparável da figura do sujeito racional, voluntário, livre, responsável; tratá-lo não como humano e sim como coisa, perfazendo assim os vários sentidos da violência.

A imagem a seguir foi um dos momentos de discussões sobre o tema “Violência contra mulher”:

Figura 4:Violência contra mulher



Fonte: Arquivo pessoal do (a) pesquisador (a)

Diante do que foi exposto convém ressaltarmos que quando falamos em educação sexual no ambiente escolar, essa discussão parece ainda mais distante, pois apesar da imensa abertura por parte do alunado, ainda se encontra grande resistência por parte de muitos pais e mãe, professoras e professores. Como diz os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

Com diferentes enfoques e ênfase há registros de discursões e de trabalhos em escolas desde a década de 20. As manifestações da sexualidade afloram em todas as faixas etárias. Ignorar ocultar ou reprimir são respostas habituais dadas por profissionais da escola, baseados na ideia de que a sexualidade é assunto para ser lido apenas pela família. Todas essas questões são expressas pelos alunos na escola. Cabe a ela desenvolver ação crítica, reflexiva e educativa (BRASIL, 1997, p. 291- 292).

Assim sendo, as oficinas trabalhadas em uma escola estadual do município de Ouro Velho-PB, foram de grande contribuição tanto para nós pesquisadores/as que adentramos no espaço daqueles jovens e adolescentes, quanto para eles que puderam absorver as informações que conseguimos levar em tão curto prazo. A decisão de trabalhar com as oficinas foi por ser uma maneira facilitadora de nos

relacionarmos com os/as alunos/as, através das dinâmicas, rodas de conversas, e momentos de diálogos individuais. Ficou evidenciado nas participações que os jovens e adolescentes ainda tem alguns tabus frente a questão sobre sexualidade. Acreditamos que a maneira que foi trabalhada os temas, desconstruíram alguns conceitos equivocados que tinham sobre as questões abordadas.

5 Considerações finais

Quando falamos sobre sexualidade, comumente costumamos fazer referência a questões biológicas, transformando-a em corpo e sexo, não discutindo as questões psicossociais da sexualidade como: os afetos, os sentidos, os sentimentos, o desejo, as fantasias, as angústias, a construção de uma identidade de gênero e o reconhecimento das diversas orientações sexuais. Os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997) nos dizem que:

O trabalho de Orientação Sexual compreende a ação da escola como complementar à educação dada pela família. Os arranjos familiares, assim como os valores a eles associados, variam enormemente na realidade brasileira. O núcleo familiar pode incluir pai e mãe e filhos com outros agregados ou não. Pode-se estabelecer entre mãe e filhos ou pais e filhos. O papel da escola é abrir espaço para que a pluralidade de concepções, valores e cresças sobre sexualidade possa se expressar. O respeito às diferenças a partir da sua própria atitude de respeito as diferenças expressas pelas famílias (BRASIL, 1997, p. 303-305).

Diante disso, não foi diferente momentos antes de nossa intervenção, na fala dos/as alunos/as onde fica claro a falta de uma Educação Sexual desses jovens e adolescentes, revelando que jamais conversariam a respeito da temática com os pais, buscando assim orientação em filmes revistas, internet, colegas amigos e entre outros, onde os pais e a escola deveriam fazer este papel, e assim eles poderiam desvendar os tabus da sexualidade.

Para tanto, ao analisar a fala dos/as alunos/as, antes da nossa intervenção, percebemos a falta de uma Educação Sexual que fale sobre as IST, Gravidez na adolescência, violência doméstica, que para eles/as, são desprovidos dessas informações, e quando as tem, são completamente infundadas, e acabam influenciados (as) por uma sexualidade cheia de mitos e crenças.

Assim sendo, acreditamos que a nossa intervenção por meio das oficinas pedagógicas para trabalhar as questões de Educação Sexual foi bastante proveitosa, pois percebemos o envolvimento, os questionamentos, as falas dos/as estudantes que fizeram parte da nossa pesquisa. Por fim, sabemos que o trabalho de

formação das pessoas para as questões da sexualidade não está pronto e nem acabado. Portanto, salientamos mais uma vez a necessidade do trabalho dessa temática nas escolas e também na formação inicial e continuada de todos/as os/as profissionais da educação, pois assim começaremos a construção de uma sociedade mais respeitosa para todos e todas.

Referências

- BRASIL. Secretária de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: pluralidade cultural e orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997.
- FURLANI, Jimena. Direitos humanos, direitos sexuais e pedagogia queer: o que essas abordagens têm a dizer à Educação Sexual? In: JUNQUEIRA, R. **Diversidade sexual na Educação: problematizações sobre a homofobia nas escolas** (Org.). Brasília: MEC/Secad/Unesco, 2009. p. 293-323.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. 11 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MAIA, Ana Cláudia Bortolozzi. Orientação sexual na escola. In: RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004. p. 153-17.
- NUNES, César Aparecido. **Desvendando a Sexualidade**. 5. ed. Campinas: Papirus, 2005.
- PEIXOTO, Herlan Wagner; LIMA, Rita de Cássia Duarte. O Impacto da Violência no Trabalho em Saúde. In: ZANOTELLI, Cláudio Luiz; RAIZER, Eugênia Célia; VALADÃO, Van de Aguiar (Orgs.). **Violência e Contemporaneidade: dimensões das pesquisas e impactos sociais**. Vitória. Editora Grafita Gráfica e Editora, NEVI, 2007. p. 251-266.
- RIBEIRO, Paulo Rennes Marçal (Org.). **Sexualidade e educação: aproximações necessárias**. São Paulo: Arte & Ciência, 2004.
- WHYTE W F. **Sociedade de esquina: a estrutura social de uma área urbana pobre e degradada**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2005.